

UM PASSEIO POR LITCHFIELD A PARTIR DE ORANGE IS THE NEW BLACK

A LITCHFIELD TOUR FROM ORANGE IS THE NEW BLACK

Thaís Leonardo dos Santos

RESUMO: Este artigo pretende discutir o audiovisual e sua interface educacional a partir do seriado *Orange is the New Black* (OITNB), a personagem Piper e as relações que estabelece. Baseado no romance autobiográfico escrito por Piper Kerman, a série reproduz a realidade de uma prisão de mulheres de forma dramática com nuances cômicas. Desta forma, discutiremos conceitos de apropriação da imagem e seus mecanismos associados, como forma de auxiliar na compreensão da construção narrativa do audiovisual, destacando as maneiras com as quais as mulheres podem ser protagonistas nas relações sociais que se estabelecem dentro do ambiente prisional, assim como a forma com a qual questões de gênero são retratadas na obra. Esse artigo coloca em pauta alguns conceitos como imagem agente e intervalo significativo, para compreender de forma mais geral como a série quer que eu me sinta? De que maneira faz isso? Quais recursos utilizados? De modo a discutir as intenções, métodos e recursos do roteiro como fim de criação do efeito esperado sobre o público. Com a intenção de provocar reflexões para a sensibilidade presente nesse outro olhar.

Palavras-chave: Imagem Agente; Intervalo Significativo; *Orange is the New Black*.

ABSTRACT: This article aims to examine the construction of Piper Chapman, main character of the television series *Orange is the New Black* (OITNB), as well as the establishment of her relationships throughout the story. Based on the memoir written by Piper Kerman, the adapted narrative reproduces the reality of a women's prison in a dramatic fashion with comic nuances. In this sense, we will discuss the concept of image appropriation and its associated mechanisms as a way of comprehending the construction of the audiovisual aspect, highlighting the means in which women can be protagonists in the social relations that are established within the prison environment, as well as the way gender issues are portrayed in the series. This is a qualitative research that focuses on some concepts such as the agent image and the significant interval, in order to discuss the intentions, methods and resources this comedy-drama series applies in order to create the expected effect on its audience.

Keywords: Agent Image; Significant Interval; *Orange is the New Black*

INTRODUÇÃO

Vivemos, atualmente, em uma sociedade mediada por aparelhos, *smartphones*, *smart tvs*, computadores, *tablets*, entre outros, sendo muito difícil estar-se alheio a essas ferramentas. Este artigo volta seu olhar para o fenômeno dos seriados, em específico *Orange is the new Black* (OITNB) exibido pela Netflix, que pode ser entendida como um aplicativo *streaming* (tecnologia de transferência de dados pela internet) *on-demand* (conteúdos podem ser acessados a qualquer momento). Os serviços de reprodução via streaming, funcionam como uma locadora para pessoas cadastradas, que contam com acesso online (sem necessidade de fazer download) de uma quantidade enorme de filmes e seriados.

Compreendemos este tipo de aplicativo como um dispositivo audiovisual com a qual as pessoas podem vir a se enxergar das mais diferentes formas, e que conta ainda com a possibilidade de atingir os mais variados públicos (sem desconsiderar a relação socioeconômica existente, uma vez que os serviços oferecidos pela Netflix são pagos), dando liberdade de escolha a espectadora e ao espectador. A série teve suas temporadas liberadas por completo no dia da estreia do primeiro episódio de cada uma e os filmes ficam disponíveis, existindo dessa forma maior flexibilidade para quem faz uso desse serviço.

A escolha da série OITNB (teve sua estreia no ano de 2013) se justifica, primeiramente por ser um seriado feito por mulheres, criada por Jenji Kohan (mesma criadora de *Weeds* - 2005), e baseada no livro de Piper Kerman chamado: *Orange is The New Black – My year in a Woman’s prison*. Um outro motivo é a forma inovadora com que foi concebida sendo motivada principalmente por sua força social, política e estética. Também por ser uma série que discorre acerca de demandas presentes e conhecidas por muitas mulheres, de forma honesta e brutal, tanto nos momentos dramáticos quanto nos momentos cômicos, muitas vezes com o subterfúgio do humor coloca em pauta temas muito sérios e urgentes.

Notamos a existência de um elenco de personagens femininas muito fortes, tendo como protagonista Piper Chapman, representada pela atriz Taylor Schilling. As detentas da fictícia penitenciária federal *Litchfield*, em Nova York, nos convidam a conhecer suas histórias de vida, contando e vivendo momentos possibilitam a reflexão a respeito do papel da mulher na sociedade. Mulheres que se encontram à margem da sociedade, e mesmo assim – talvez por esse motivo – tenham que lidar diariamente com as opressões impostas pelos privilégios institucionais relacionados a gênero, classe social, orientação sexual, raça e etnia. Ao abordar assuntos universais, OITNB consegue conquistar uma audiência diversa, fidelizando um público que não se interessaria por outros programas em que, apesar de serem estrelados por mulheres, a história acaba girando em torno dos homens que tem algum tipo de relação com elas.

Este artigo pretende trazer a luz uma forma de contemplar o audiovisual, a partir da perspectiva de gênero. O que se ensina e o que se aprende a partir de uma obra produzida por mulheres, qual a sensibilidade presente, as escolhas, o que está sendo mostrado, o que se esconde e o que somos instigadas e instigados a possivelmente sentir.

Para além de um roteiro que nos apresenta a experiências singulares, temos a intencionalidade e a sensibilidade de quem transforma aquelas experiências em uma obra de grande alcance. A forma como as sequências de cenas são montadas e sua decupagem, a emoção do corpo artístico, o olhar que transparece a partir da fotografia, o movimento de câmera, o estilo de filmagem, ou seja, tudo colocado em um lugar intencionalmente escolhido para trazer a quem assiste sensações diversas.



Figura 1. Episódio 3

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

Esta é uma memória de Piper, uma cena fora da prisão. A sensação de leveza, movimento, música e cores presentes na imagem podem sugerir momentos felizes e alegres. A iluminação da imagem e do ambiente podem ser interpretados como descoberta, uma vez que essa cena dentro da narrativa faz referência a maneira como a Alex é inserida na história (antes de *Litchfield*) de Piper. Observamos a partir do ponto de vista de quem está atrás do balcão, estamos “com” Piper e não em seu lugar. A música que toca ao fundo, é uma música ambiente, um pop estadunidense que conota imagens e ideias variadas na imaginação de quem assiste, de acordo com a origem, os contextos e os gostos particulares de cada um/a. No espaço em que as personagens estão, ela acaba por transmitir essa sensação de tranquilidade e descontração – das personagens e da situação – muito embora a realidade em que se encontra no momento da lembrança seja confuso e pesado. Essa cena pode ser a lembrança como um refúgio de calma em meio ao caos

É importante ressaltar que este artigo se fez a partir do ponto de vista de quem o observa, no caso da espectadora. Ele poderia – dependendo de quem o estivesse observando – ser entendido de uma forma diferente da que nesse momento é apresentada. Compreendemos que as pessoas que assistem determinado produto audiovisual são ativas na construção de sentidos e significados daquilo que está sendo mostrado na tela. E é precisamente isso que buscamos fazer quando refletimos sobre o universo feminino na série OITNB. Sendo assim, optamos por trabalhar na perspectiva da educação, construindo o significado como sujeito.

OLHARES INICIAIS

O capítulo I do livro *Cinema Arte da Memória*, escrito por Milton José de Almeida, trata da relação entre os afrescos feitos por Giotto na Capella degli Scrovegni e o cinema contemporâneo. O autor vai tecendo possíveis conjunturas pouco a pouco e com isso fazendo emergir conceitos que foram utilizados como aparato teórico do artigo.

Um primeiro conceito, que será de suma importância, é o de memória, que nesse caso não é entendido pelo autor apenas como algo cognitivo, mas algo que perpassa toda a percepção, como uma construção de memória. Quando mais uma coisa nos afeta, seja para dor ou para o prazer (nos mais extremos das sensações, seja elas quais forem), mais potente será essa memória. Almeida (1999) faz uma distinção entre memória natural e memória artificial. A primeira seriam as memórias nas quais vivemos e experimentamos com o corpo presente, ou seja, podemos descrever a cidade em que moramos, a casa em que vivemos porque essa é nossa experiência, isso é o que experimentamos corporalmente. Já a memória artificial é aquela que exercitamos e expandimos, participando desta categoria as lembranças que temos de algo que não vivenciamos, mas conhecemos de alguma forma, seja por uma história que nos contaram, por uma fotografia que vimos, uma música que escutamos ou um filme que assistimos, entre outros.

A Arte da Memória é uma técnica inicialmente atribuída a Cícero (orador romano), cuja função seria a de auxiliar na memorização a partir de um conjunto de regras, de forma que se elaborasse uma técnica ou um recurso para que fossem constituídos lugares e imagens na memória, e com isso um orador poderia reproduzir longos discursos com grande precisão. Esse processo hoje é explorado no cinema e nas artes de forma geral, como foi descrito no livro em questão. Sendo que a ideia central é a associação entre os lugares e as imagens, a fim de promover uma memória significativa.

Pensando nisso, levamos em consideração o que é preciso fazer para recordar algo.

Quanto mais coisas queremos recordar, mais locais deveremos criar e é importante que eles formem uma série. Assim podem ser recordados numa ordem, e também, pode-se começar por qualquer lugar nessa série e seguir para frente e/ou para trás, portanto, podem ser facilmente repetidos oralmente (ALMEIDA, 1999, p. 50).

Esses locais são imprescindíveis uma vez que os preencheremos com imagens que serão usadas e que depois podem ou não ser descartadas, mas os locais continuam lá para serem preenchidos por novas imagens, ou seja, sendo reutilizados diversas vezes.

E para compreender o audiovisual temos que nos aventurar por todos esses locais, percorrer as imagens da memória, entendendo que essa não é uma memória simplesmente individual. Sendo ela forjada no coletivo, é uma memória repleta de “nós”, e para conhecermos esses “nós” temos que adentrar o “eu”.

Importante ressaltar que devemos fixar imagens que sejam significativas, importantes, de qualidade, ou seja, imagens eficientes. Aquelas que consideramos excepcionais, que causem impacto.

Desta forma temos o conceito de imagens agentes que podem ser entendidas como aquelas imagens que falam por si só, servindo assim tanto para a memória artificial quanto para dar um novo significado a memória natural, uma vez que invariavelmente é a força da imagem agente que será referencial no preenchimento dos intervalos significativos.

E os intervalos significativos:

(...) vão dar sentido ao que está sendo narrado não é um intervalo vazio. Ao contrário, é o mais pleno: nele acontece e age a história do espectador, a história como memória e sentimentos próximos, sua vida única e redutível e a história como memória e sentimentos coletivos, prazeres únicos e prazeres compartilhados. Eu e todos. Um intervalo em que a ilusão de ser único tensiona a ilusão de ser histórico (ALMEIRA, 1999, p.38).

Assim, compreender o que se está assistindo, gostar ou não, chorar, sorrir, nos emocionar, sentir raiva ou seja, todas as emoções que podemos sentir ao assistir um filme ou ver a um episódio de uma série, acontece no intervalo entre as cenas, sendo preenchido historicamente, socialmente e individualmente por tudo que é singular, particular na vida de cada um(a). Desta maneira, quando várias pessoas assistem a um mesmo produto audiovisual as compreensões são distintas, se o sentido e significado estivessem inteiramente nas cenas apresentadas, não haveria divergências nas interpretações. Da mesma forma que, quando voltamos a assisti-lo em um momento diferente de nossas vidas, a interpretação, e até mesmo nossa percepção pode (e muito provavelmente irá) variar, mesmo que o filme não mude, nós mudamos, e isso muda tudo.

A pergunta que surge a partir dos intervalos significativos é, “porque você está vendo o que diz estar vendo?”, entendendo que o sentido da imagem não está tão somente naquilo que é mostrado na tela, mas é também uma interpretação da pessoa que vê, estando nesse íterim toda sua singularidade - sua experimentação de mundo, as relações sociais que estabeleceu ao longo da vida, seus medos, desejos e alegrias (ELLSWORTH, 2001).

Quando assistimos algo, somos de alguma maneira “convidadas/os” a compartilhar o sentir do outro que assiste com a gente a um mesmo filme, se o riso faz-se ecoar pela sala de cinema, de alguma forma um sorriso surge em nossos lábios, mesmo que a cena em questão não tenha sido tão engraçada aos nossos olhos, talvez, em outra circunstância, assistindo privadamente a mesma cena, a graça não seria notada “(...) a reação dos indivíduos, cuja a soma constitui a reação do público, é determinada pelo seu caráter coletivo. Ao mesmo tempo que as reações se manifestam elas também se controlam” (BENJAMIN et al., 2015, p.28).

Podemos considerar que alguns elementos da composição da cena são recursos da estruturação das imagens agentes. Refletindo sobre os momentos em que a inteligibilidade do audiovisual acontece, “entre cortes e as cenas escolhidas para serem vistas, editadas e montadas, de acordo com a possível e efetiva produção final de um filme, com tudo de artístico e ideológico do momento de produção desse filme” (ALMEIDA, 1999, p.38).

Por vezes temos uma visão limitada e incompleta ao interpretamos um filme, não conseguindo/podendo ir além da mensagem explícita e visível presente na narrativa, preenchemo-las com explicações que são feitas para legitimar uma percepção fundamentada em teorias muito particulares, ou seja, assistimos já justificando determinadas sensações e entendimentos. Sendo o filme apenas a fundamentação de conceitos pré-estabelecidos. “A interpretação deve partir de um caos aparente da imagem, encarar os mistérios dos intervalos significativos e valer-se também do caos das teorias, não ter medo do seu aparente conflito” (ALMEIDA, 1999, p. 39).



Figura 2. Episódio 4

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.



Figura 3. Episódio 4

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

Quando nos deparamos com as imagens agentes, temos uma composição de cores, sons e ruídos, closes, gestos e trejeitos que fazem com a imagem se constitua de potência e representado grandeza de significado quando inserida na composição da obra, isso faz com que as imagens agentes sejam memoráveis. A maneira como nos tocamos, nos fazem sentir e reverberar sua presença na tela.

A **Figura 2** e a **Figura 3** escolhidas como imagens agentes fazem parte de um contexto muito recorrente durante a construção do seriado: a opressão e as formas de sujeição a qual as mulheres são submetidas.

Uma ferramenta some na aula de elétrica e os guardas acionam os alarmes. O diretor da penitenciária vai até o local e informa o que acontecerá caso uma das detentas esteja com a chave de fenda, ele informa que todas serão revistas. Uma das mulheres diz que é direito de todas que sejam revistas por guardas femininas. O diretor diz que ela irá para solitária aguardar uma guarda feminina para revista-la apropriadamente, neste momento ela grita denunciando que um dos guardas é responsável por tudo que está acontecendo. Essa é a força da **figura 2**, uma reivindicação por direitos, em resposta à opressão. Temos uma imagem aberta com diversos elementos, ao fundo o lugar onde são guardadas as ferramentas (motivo de todo o problema presente nesse episódio), um guarda (simbolizando a punição) e as outras mulheres que participavam da aula com ela (possibilidade de resistência), sabendo que naquele momento não haverá resistência (uma das personagens tem os braços para trás, uma postura de quem fará o que a autoridade da cena exigir). A cena tem ausência de música, uma ausência da presença, pois somos tomadas por emoções tão conhecidas por muitas mulheres que a falta de música faz reverberar em nós a ausência de som (ou de lugares de escuta). A personagem fala com as outras mulheres, sua voz e seu olhar direcionam-se para quem poderia resistir com ela à violação de seus direitos.

A **Figura 3** tem enquadramento fechado, uma música instrumental rompe o silêncio e a carrega com uma sensação de desconforto. Esse dispositivo tem valor em si mesmo, a ação da música como controle das sensações do espectador antecipa a violação dramatizada de maneira crua e explícita. O agente do estado viola, e não se importa que outras pessoas estejam assistindo, não importa que à sua frente está o diretor da prisão, porque naquele momento aquelas mulheres são objetos a serem abusados. Temos uma visão frontal, quase como a visão do diretor da prisão (que observa e acha tudo aquilo muito normal) podemos ainda observar algumas

personagens ao fundo, com o olhar baixo. Sentimos o sentir de muitas mulheres com essa cena: a imagem agente da impotência diante de um abuso.

POR TRÁS DAS GRADES

O seriado tem início com a personagem principal, Piper, sabendo que irá para prisão, *Litchfield*, em Nova York, e com isso uma carga emocional muito forte nos é transmitida, a percepção inicial relacionada à personagem é que a todo tempo ela anseia por aparentar-se forte, mesmo quando todo o mundo que ela conhece está se desintegrando diante de seus olhos, isso, claro, num primeiro momento.

Não sabemos ao certo o que está acontecendo, nem os motivos que fizeram com que ela fosse parar na prisão, em vista disso, a série introduz elementos que pouco a pouco nos permitem conhecer seu cotidiano, fazendo com que entendamos o que de fato aconteceu e porque ela se encontra naquela situação. O que podemos perceber sem qualquer aviso prévio é a falta de habilidade e obviamente experiência que Piper tem em lidar com o novo ambiente, e bem por isso, ela busca aprender mais a respeito da cultura das prisões, em especial das prisões femininas. Influenciando e sendo influenciada por tudo que acontece lá dentro, é possível acompanhar as transformações de sua personalidade durante o cumprimento de sua sentença.

Percebemos que nem tudo é o que parece, por isso a importância de se atentar às imagens agentes. Essas imagens, para o artigo, são os momentos chave de cada episódio referente à questão de gênero, pontos nucleares, como Almeida (1999) nos explica quando descreve a memória, sendo a maneira pela qual recordamos algo. Nesse ínterim, podemos entender a forma com que essas imagens conduziram o entendimento que a espectadora e o espectador fazem dos intervalos significativos. A força emotiva da cena está em criar lembranças de situações não vividas pelo espectador.



Figura 4. Episódio 9

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

A primeira impressão sentida ao olhar a **Figura 4** é raiva, a expressão facial de Piper demonstra isso. O tom de voz da atriz na cena é forte e agressivo. Entender a cena requer entender tudo que aconteceu durante a primeira temporada, toda

a trajetória de Piper na penitenciária, o contato com Healy e a relação que está construindo com Alex. Mesmo assim, a imagem é tão potente que deixa transparecer como essa relação foi criada e, neste caso, a escolha desta cena como imagem agente é justamente pela força com que retrata uma relação moldada em cima de insegurança, mentiras, opressões e silenciamentos.

Observamos de fora da solitária, pelo pequeno quadrado de vidro. Praticamente assumimos o ponto de visão de Healy. Sentimos essa indignação em nossa direção, nos sentimos indignadas juntas, sentimos o seu sentir. Talvez já tenhamos vivido isso. E por ser tão próximo à nossa realidade, a música está suspensa, são palavras fortes e respirações. Ao mesmo tempo que falta o ar e o chão some, sentimos a personagem crescer, ela está forte e as coisas vão mudar, liberdade e medo estão presentes dentro desde pequeno e claustrofóbico espaço – a solitária materializa a solidão que irá se instaurar daquela cena em diante.

Temos uma explosão de força e intensidade. Piper entende o que está acontecendo e se mostra disposta a lutar contra um agente abusivo. Sua intensidade ganha corpo e forma.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Tudo começa a partir de uma reviravolta, a vida da protagonista está de cabeça para baixo, tudo que ela conhece vai mudar do dia para noite, e tudo que conhecemos até então mudará junto com ela. É esse o enredo que temos nos primeiros minutos da série OITNB e a partir disso, a personagem se constrói, mostra onde está, com quem se envolve, quais seus laços mais íntimos e onde se sente à confortável.

As relações com as outras personagens se estabelecem e à medida que isso acontece elas se intensificam, a Piper – a personagem principal - cresce, quem está a sua volta compartilha desse crescimento e se fortalece, ganha importância, ganha significado, ganha história, estabelece contexto com o enredo, e em meio a tudo isso nossa atenção está diretamente e intencionalmente direcionada as questões de gênero que estão a todo momento saltando aos olhos e piscando em uma cor tão chamativa quanto o laranja que dá título à série.

É, não podia ser diferente, e na vida estes dilemas estão presentes a cada momento, uma vez que vivemos em uma sociedade regida por um sistema patriarcal, que tem uma base extremamente machista e misógina. Dessa forma, aquelas que ali estão interpretando seus papéis, sabem muito bem que refletem e interagem com o dia-a-dia de mulheres de todos os lugares do mundo, a identificação tende a ser imediata, e o audiovisual faz com que essa percepção aumente e as sensações se intensifiquem.

(...) o cinema ampliou em toda sua expansão a percepção do mundo perceptível e agora também do acústico. Aquilo que o filme apresenta é muito mais exato e pode ser analisado de pontos de vista muito mais numerosos do que aqueles que o teatro e a pintura permitem (BENJAMIN, 2015, p. 29).

Cada cena é recheada de cores (ou falta delas), aproximação e afastamento de câmera, música e cortes. Tudo isso para fazer com que nós, espectadoras e espectadores, sejamos estimuladas/os (direcionadas/os?) a sentir algo, a nós comover, ficar

bravas/os. Somos provocadas/os a conhecer aquele mundo em que muitas mulheres vestem laranja, pelos olhos de outro alguém.

Então torna-se evidente que a natureza que fala à câmera é diferente daquela que se expõe aos nossos olhos, sobretudo porque o espaço no qual o indivíduo age conscientemente é substituído por outro no qual a ação é inconsciente. (...) Aqui intervêm a câmera e seus acessórios, subindo e descendo, cortes e closes, sequências longas ou rápidas, ampliações e reduções (BENJAMIN, 2015, p. 30).

Com tudo isso, a experiência vivenciada ao assistir a série é singular para cada indivíduo. No artigo o olhar direcionou-se ao contexto de gênero, e na forma como realidades se cruzam, dentro e fora das telas, como o cinema é uma lente muito potente de denúncia da realidade.



Figura 5. Episódio 7

Figura 6. Episódio 7

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

Dúvida é uma palavra que me vem à cabeça quando olho a **Figura 5** e a **Figura 6**. Em ambas imagens Piper olha para frente e para baixo, mas não em direção à câmera, está digerindo tudo que foi dito pela personagem, que na **Figura 5** está a sua frente e na **Figura 6** já está de costas, indo embora. A música instrumental adiciona ainda mais tensão à cena.

O contexto dessa cena começa a fazer sentido a partir de um efeito cascata, de cenas anteriores e cenas que ainda estão por vir, alguns acontecimentos são marcantes até o presente momento: eleições para o conselho de *litchfield* na qual Piper é eleita para representar as mulheres da prisão; Um celular que foi achado por Piper no banheiro – e ela entendeu que as mulheres usavam esse celular para conversar com as pessoas que estavam do lado de fora; a pista de corrida de *litchfield* negligenciada e indisponível para uso das pessoas (Piper está se aproximando de Janae Watson, e ela era destaque do time de atletismo da escola – sendo essa uma memória vivida e afetiva para a personagem); Piper e Caipira ou Tiffany Não tem um bom relacionamento;

Na cena em questão Caipira (Tiffany) e Piper estão conversando no corredor, Caipira demonstra (pela maneira como fala) que não está feliz por Piper ter sido escolhida como representante pelo conselho da penitenciária. Apesar disso, conta uma história sobre seus dentes, e como ficaram podres. Depois continua sua história contando sobre sua prima que conseguiu auxílio odontológico e utilizando de meias palavras demonstra que gostaria que Piper fizesse algo em relação a isso. Piper diz que o conselho é uma mentira. A Caipira se irrita, muda de assunto e questiona Piper sobre o motivo que a leva a delatar várias mulheres ao diretor. Piper

se candidatou ao conselho para fazer com que a pista de corrida fosse reaberta, mas para isso terá que entregar um celular, que é usado dentro da prisão por outras mulheres, como moeda de troca para conseguir a reabertura da pista de corrida. Fazendo isso ela colocará várias pessoas que ali estão em uma situação extremamente complicada. A partir das expressões que transparecem pelo olhar de Piper, podemos nos perguntar se aquele diálogo fez com que ela começasse a questionar sua conduta e sua postura dentro da prisão.

A relação de Piper com Caipira é o ponto chave da cena, uma relação que em diversos momentos se transforma em um imbróglio, cruel e tóxico. De fato, as personagens têm poucos pontos em comum para além das duas estarem com suas liberdades cerceadas. Os desentendimentos entre elas são uma constante.

As perguntas que estão em nossa cabeça a partir desta cena são: A quem Piper está beneficiando? De que lado está? Será que já refletiu sobre isso?

A escolha da imagem tem relação com essa sensação de que algo aconteceu e as incertezas estão presentes no olhar de Piper. A escolha por adicionar também a **Figura 5**, que não é tido como imagem agente, decorre da tensão entre uma e outra. Apesar da **Figura 5** ter sentido isoladamente, quando a imagem agente (**Figura 6**) aparece, ela subordina o seu sentido a um sentido memorável, uma imagem depois da outra causa em nós a sensação de dúvida a partir dos fatos que foram relatados.

Olhando as duas imagens temos a imagem fechada no rosto de Piper (**Figura 5**), e a imagem aberta (**Figura 6**), esta segunda que promove a sensação de ser mais carregada de possibilidades, de alguém que teve sua vida transformada pela passagem de um furacão que causou um desarranjo nos sentimentos e certezas que estavam sendo construídos. Talvez essa seja a grande singularidade e aproximação entre o seriado OITNB e as nossas vidas, a falta de certezas. É justamente aí que sentimos nossa pequenez, porque nós, assim como Piper, somos formadas de inconcretude.

PERCEPÇÕES E SENSações

Durante o artigo percorremos os caminhos de Piper pelo sistema prisional, as relações interpessoais estabelecidas durante o trajeto e seu fortalecimento buscando relacionar com alguns conceitos que nos permitem nos aprofundar a respeito das ferramentas que constituem o audiovisual. Neste momento, pautaremos nossas análises nas questões de gênero presentes no seriado, nosso olhar tem a intenção de enfatizar a sensibilidade de uma produção realizada e protagonizada por mulheres.

Gostaria de trazer algumas considerações a respeito do fazer áudio visual a partir de um outro olhar, que carrega em seu processo de produção subjetividades, posicionamentos políticos, culturais, sociais e percepções individuais (acreditando nesse ponto que as percepções se constituem internamente a partir das vivências coletivas que reverberam de distintas maneira, nas mais diferentes pessoas – de forma consciente ou não).

Quando assistimos à série OITNB somos confrontadas com desmedidas emoções. Sentimos medo, raiva, dor, amor, tédio, enfim, cada pessoa sente à sua maneira e no seu tempo. Acredito que um dos fatores mais relevantes é a forma com a qual somos confrontadas com o sentir, tal qual a intensidade e direcionamento proposto

pelo ritmo da narrativa. Se sentimos, é justamente porque quem estava por trás das câmeras gostaria que sentíssemos. Colocarei em destaque algumas cenas para observarmos como isso acontece e a forma com que acontece, buscando investigar os múltiplos contextos de cada recorte. O intuito é provocar reflexões (da mesma forma que provoca em mim inflexões) e compartilhar olhares.

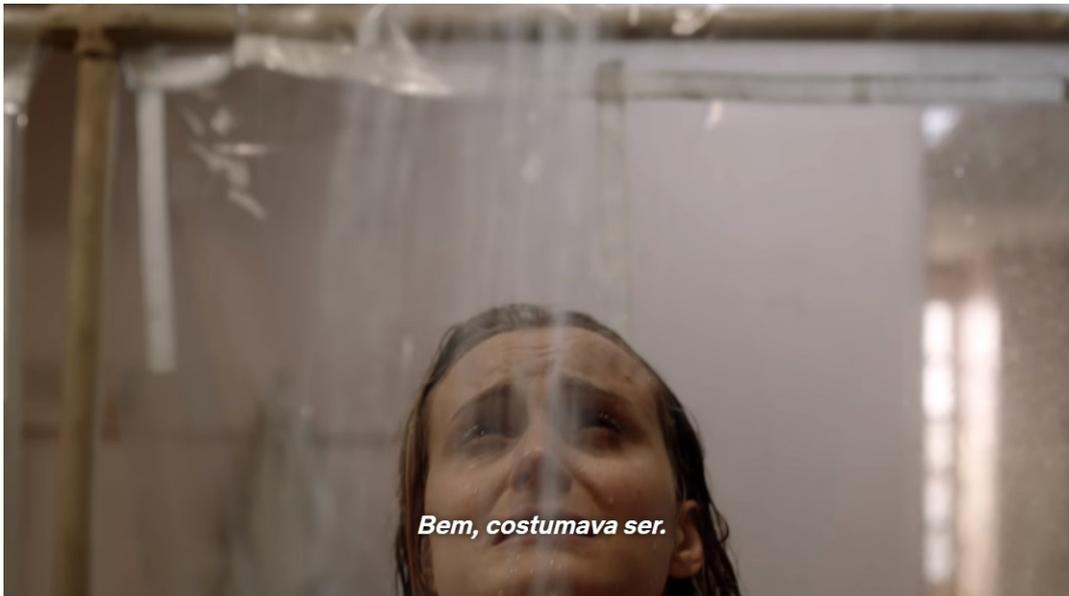


Figura 7. Episódio 1

Disponível em: Netflix. Acesso em: 20/05/2020.

Analisamos uma série que é bem direta (em muitos momentos) na representação de diversas formas de “ser” mulher, tendo em seu interim os mais diferentes contextos em que essas mulheres se constituíram até chegar ao momento em que as “conhecemos” dentro de *Litchfield*. Podemos notar mulheres de diferentes classes sociais, grupos étnicos, orientações sexuais, localidades, idades, entre outras individualidades que constroem o “eu”.

Essa imagem agente está inserida nos primeiros minutos, do primeiro episódio da série OITNB. Encerrar o artigo com o início do seriado é coerente com a metodologia utilizada, entendendo que as imagens vão ganhando sentido à medida em que a narrativa se desenvolve.

O contexto da cena é Piper nos contando sobre seus momentos felizes, e o banho sendo relatado como um dos momentos em que sentia maior alegria. A **Figura 7** é escolhida como imagem agente, por conter o contraponto e a dissonância, uma vez que o sentimento que a cena causa é de angústia, quando percebemos, pela expressão da personagem, que ela perdeu seu “momento” feliz.

A **Figura 7** está em um plano fechado, mas podemos ver, fora de foco, o ambiente que a cerca. Essa cena vai ganhar foco com as imagens seguintes e os episódios seguintes. Temos o efeito sequência, no qual os sentidos vão sendo construídos por contágio com as imagens posteriores

A imagem nos mostra a água do chuveiro caindo e o vácuo criado pelo silenciamento abrupto da trilha sonora. Há um corte seco na cena, algo mudou – ou

tudo mudou – na vida da protagonista. A ansiedade se instaura, uma vez que não sabemos nada do que está acontecendo.

O OLHAR DA VISITANTE

Durante o tempo em que me dediquei a “olhar” a série OITNB, fui capaz de sentir os impactos que ela causou/causa em mim, para a partir disso articular ideias, pensando na relação específica entre a narrativa e as possíveis perspectivas existentes. Percebi que era modificada à medida em que um diálogo me emocionava, um olhar se dirigia amorosamente a outra pessoa ou uma situação relatada parecia tão próxima a sentimentos que estavam ou estiveram presentes em mim.

A série mistura vários gêneros – é um drama, mas em alguns momentos usa o subterfúgio da comédia para colocar à luz temas urgentes e delicados. A escolha de filmagem das cenas é dinâmica e nos apresenta muitas realidades em uma história que está sempre sendo modificada, e mudando as nossas perspectivas. Fui criando uma perspectiva crítica a partir das imagens agentes e de como cada uma delas me atingia de maneira singular. E a partir dessa percepção articulei a ideia de que o seriado constrói personagens que podem vir a ser entendidas como símbolo de resistência dentro de um ambiente coercitivo.

Certa vez, em conversa com meu orientador, uma frase memorável fez morada em mim: “um filme não termina quando vai para as telas, ele continua, e continua...”. E cada vez essa sensação se faz mais presente, por que quem assiste a um filme ou uma série também participa desse processo de construção de significados e sensibilidades, as imagens agem nas subjetividades das pessoas de diferentes maneiras, e durante o processo de escrita desse artigo, pude me perceber e, me percebendo, tive a sensação de que há ainda mais por vir, que as imagens continuarão, mesmo quando tudo passar, as imagens permanecem e reverberam por espaços, por frestas. As imagens, nesse texto, se transformam em palavras que escorrem pelos dedos e refletem no olhar. Quero continuar a percorrer os caminhos do audiovisual, esse espaço tão singular e tão imenso, que motiva e transborda no meu eu mais íntimo. Quero continuar sentindo o sentir de tantas personagens a partir da sensibilidade. E partindo dessas experiências tão individuais, modifica-las, resignifica-las e reinventa-las. Para assim poder continuar e, continuando, me transfazer.

O tema do artigo, especificamente, me atravessa de diversas formas. Por ser uma pesquisa que tem mulheres como foco principal, procurei em muitos momentos me transformar em outras, mas sem sair de dentro de mim, para poder entender essa rede de “pessoas” que existe ali nas telas, mas também dentro de cada uma de nós. E claro, por se tratar de uma série, que conta com grande número de espectadores/as, busquei ser coerente e delicada, para que pudesse agir respeitosa e amorosamente com aquelas mulheres ali retratadas, que carregam consigo muito de todas nós - medos, aflições, alegrias e inseguranças. A série OITNB não se contém em abordar questões complexas como racismo, estupro, homofobia e machismo, e isso coloca muita força e complexidade ao espetáculo, fazendo com que o artigo fosse transpassado por essas questões urgentes, buscando sem com isso soar normativo ou taxativo. Espero que vocês possam “aproveitar” o passeio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. **Cinema**: arte da memória. Campinas: Autores Associados, 1999.

BENJAMIN, W. et al. **Benjamin e a obra de arte**: técnica, imagem, percepção. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros dos sujeitos. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 1-71, 2001.

ORANGE is the new black. Direção/Roteiro: Jenji Kohan. Gênero: Comédia/Drama. Estados Unidos: Netflix, 2013. Legendado.